

10/02/2017 - 05:00

Os invisíveis do sistema

Por **Diego Viana**

No livro "Expulsões", Saskia Sassen aborda não apenas populações, mas também crise ambiental, com extinção de espécies e "morte" de terras e águas

Desde 2013, quando foi publicado "O Capital no Século XXI", do economista francês Thomas Piketty, o problema da desigualdade entrou no foco das preocupações com o mundo contemporâneo. Para Saskia Sassen, uma referência em sociologia urbana, porém, a desigualdade é um aspecto parcial do problema atual mais profundo: os "perdedores" do sistema econômico são verdadeiramente expulsos, tornam-se invisíveis, deixam de ser contados nas estatísticas e praticamente desaparecem.

Esse é o tema de seu livro "Expulsões: Brutalidade e Complexidade na Economia Global" (Paz & Terra, 336 págs., R\$ 54,90), em que a professora da Universidade Columbia, nos EUA, descreve as expulsões não apenas das populações desempregadas, refugiadas e carcerárias, mas também da crise ambiental, com a extinção de espécies e a "morte" de terras e águas. "A terra morta pode ser um terror para quem vive nela. Pense nos milhões de pessoas que querem deixar seus países não só por causa de guerras, mas também porque a terra morreu", diz.

O livro trata também de um aparente paradoxo: algumas das técnicas e tecnologias mais complexas, ricas e admiráveis que a humanidade desenvolveu no último século acabam produzindo efeitos muito simples e brutais. Complexas tecnologias financeiras levaram na última década ao despejo de milhões de famílias. Técnicas de extração de petróleo levam à poluição irreversível de territórios inteiros.

A autora, de 68 anos, analisa o fenômeno do terrorismo contemporâneo sob o prisma de seu conceito de "guerra assimétrica", em que um exército regular enfrenta um grupo irregular de combatentes. O caráter flexível e solto desse último grupo impede que se chegue a um armistício e ainda dissemina os conflitos por áreas distantes do teatro de guerra. Leia, a seguir, entrevista com a socióloga.

Valor: *Depois da crise de 2008, o que mais vingou não foram os movimentos de contestação como o Occupy Wall Street, mas as mensagens nacionalistas e xenófobas que resultaram no Brexit e na eleição de Donald Trump. Por quê?*

Saskia Sassen: Creio que diversos elementos estão se misturando em um grande apanhado explosivo de raiva. É preocupante que não haja um discurso alternativo mais forte e abrangente. Há alguns elementos, como, nos EUA, Bernie Sanders e seus aliados. Há movimentos. Mas os novos tipos de movimento de direita têm um poder de atração para os descontentes que é assustador. Esse descontentamento está maturando há décadas, desde que começou a era de capitalismo desregulamentado e voltado para as grandes corporações. Quanto aos movimentos do tipo Occupy, é difícil afirmar onde cada um está, mas eu diria que estão vivos e bem. Tiveram de assumir outras formas de lutar, já que não se pode ocupar praças para sempre. Estão, por exemplo, por trás do apoio da juventude a Sanders.

Valor: *Um ponto em comum desses movimentos é a rejeição a acordos de comércio abrangentes, como a Parceria*

Saskia: Há estranhas combinações, de fato. Mas o importante é que esses não eram bons tratados. As pessoas os chamam de acordos de livre-comércio, mas não eram sobre comércio. Eram feitos para garantir enormes proteções às corporações. As corporações, lidando com governos ou atores privados ao redor do mundo, querem garantir que não vão perder jamais. Tem sido assim há anos, com acordos sigilosos e feitos em base individual entre corporações e governos. Esses tratados querem universalizar o método. Pelo que vejo, no caso da direita, a rejeição aos acordos se encaixa na retórica protecionista.

Valor: *A senhora se refere a ataques terroristas recentes como exemplos das guerras assimétricas. Essas guerras estão se espalhando pelo globo?*

Saskia: Sim, há muitas modalidades de conflito hoje, e muito do que está no coração disso é a guerra assimétrica, quando um exército regular confronta combatentes irregulares. Exércitos regulares poderiam declarar um armistício. Já os combatentes irregulares não têm o menor interesse nisso. Assim, os EUA tentam sair do Iraque há anos, mas não conseguem. A guerra assimétrica expande o terreno da violência muito além do chamado "teatro de guerra". E urbaniza a guerra. Iniciativas autônomas, muitas vezes envolvendo um grupo desconexo de pessoas, pode executar destruições selvagens em cidades que estavam longe do teatro de guerra: Madri, Londres, Casablanca e, mais recentemente, Paris, Bruxelas, Nice, Berlim, Istambul. Os ataques às Torres Gêmeas de Nova York, hoje, parecem ridículos para esses terroristas. Por que gastar tanto tempo planejando, se basta produzir uma bomba em casa?

Raio X

Saskia Sassen

- Holandesa, 68 anos
- Casada com o sociólogo Richard Sennett e mãe do artista Hilary Koob-Sassen (do primeiro casamento)

Atuação profissional

- Professora e integrante do comitê de pensamento

Valor: *O subtítulo do livro ("Brutalidade e Complexidade na Economia Global") sugere que os sistemas mais complexos frequentemente levam a efeitos bastante simples e, mais do que isso, brutais. Como se dá esse processo?*

Saskia: Os maiores exemplos são os seguintes: primeiro, a matemática algorítmica, crucial no setor financeiro. As finanças geraram instrumentos realmente brilhantes, mas que são usados para executar algumas destruições bem simples. É o caso da hipoteca subprime, que nunca se destinou a oferecer

moradias para famílias de baixa renda, mas a gerar títulos lastreados em ativos, no contexto de um circuito de alto investimento que não aguentava mais derivativos garantidos por outros derivativos. Segundo o Fed, mais de 14 milhões de famílias perderam suas casas nesse período histórico curto e brutal, que durou oito anos. Outro caso é a exploração de petróleo por fracionamento, uma modalidade de mineração muito complexa, que resulta na destruição selvagem de rochas e no envenenamento de cursos d'água. Um exemplo simples é a exportação de empregos. Exige uma logística complicadíssima, engenheiros brilhantes, e para quê? Pagar salários baixos e valorizar as empresas no mercado acionário.

Valor: *Qual é o papel do conhecimento nessa brutalidade? O que se pode mudar na maneira como ele é produzido e disseminado?*

Saskia: Nos circuitos do capital, o conhecimento raramente é inspirador; é apenas uma ferramenta. O uso dessas formas extremamente complexas de conhecimento para produzir brutalidades elementares é um elemento central do funcionamento do atual sistema econômico. Desde os anos 1980, com a desregulamentação e a privatização, entramos num período marcado pelo domínio de setores extrativistas; pense no Google e no Facebook: uma vez que criaram suas plataformas digitais, que são brilhantes, tornaram-se extrativistas. O Google coleta os dados disponíveis sobre todos nós, cria pacotes a partir deles e os vende a outras empresas. Isso é extração. Também penso que muitos componentes da alta finança, hoje, são extrativistas. Esses setores são dominantes, como depois da Segunda Guerra Mundial [1939-1945] o consumo de massa foi dominante.

Valor: *Em 1990, o filósofo Gilles Deleuze [1925-1995] previu a emergência de "sociedades de controle", caracterizadas por sistemas informáticos que determinariam automaticamente acessos e bloqueios. Os algoritmos realizaram a "sociedade de controle"?*

Saskia: Sim e não. Temos que ir além de uma ideia tão ampla. Produzimos os instrumentos que geraram essa situação, e o que me interessa é a variedade de processos e formas de conhecimento necessárias para tanto. Só que o perigo não está só

Os invisíveis do sistema nos sistemas poderosos de controle, mas também na psicologia que resulta deles. E podemos lutar contra isso. Por fim, em toda sociedade há pessoas e espaços que não podem ser alcançadas mesmo pelo sistema mais poderoso. O inimigo mais forte não é o próprio sistema, mas nosso conhecimento falho do perigo, até que seja tarde demais e acabemos sendo moldados. É o caso do Facebook e das histórias falsas sobre a eleição americana em que os leitores acreditaram. A incapacidade de entender o que está sendo feito é um enorme perigo.

Valor: *A senhora introduz o conceito de expulsão para mostrar que a questão no mundo atual é mais do que de desigualdade: os prejudicados estão de fato fora do sistema. Mas eles não deixam de existir. O que acontece com eles?*

Saskia: Eles se tornam invisíveis para nossas categorias de análise, para nossas medições da economia e das condições gerais da população. Quando o governo americano diz que o desemprego caiu para 4%, deixa de fora um bom número de desempregados que simplesmente não são mais contados, mas existem, são corpos plenamente materiais. Essa tensão entre o material e o fato de que ele pode tornar-se invisível também pode ser percebida a respeito de condições muito distintas, como a terra morta. Uma vez que a terra está morta, esquecemos dela, ela desaparece de nossas medições padronizadas da economia.

Valor: *Os expulsos exercem alguma pressão de fora sobre o sistema?*

Saskia: É uma questão complicada: se os expulsos podem afetar o sistema. São pessoas que continuam vivendo, mesmo que na miséria. E podem estar vivendo bem no meio de um grande centro urbano. Por exemplo, um homem negro de 33 anos que nunca teve um emprego, que se vira como pode para ter o que comer, que dorme em lugares diferentes a cada noite, para que a polícia não o reconheça. Nas economias avançadas, há milhões de pessoas e famílias inteiras nessa condição.



Para Saskia, movimento de direita que garantiu vitória de Trump nos EUA vem se desenvolvendo há décadas, "desde que começou a era do capitalismo desregulamentado"

Valor: *O mesmo vale para a terra morta?*

Saskia: No caso da terra morta, ela está ali, mas um governo como o americano não se importa. Nem sequer fazem mapas oficiais mostrando terra morta. Como se o problema não existisse. Mas a terra morta pode ser um terror para quem vive nela. Pense nos milhões de pessoas que querem deixar seus países não só por causa de guerras, mas também porque a terra morreu. E não há lei que reconheça o refugiado que foge de um país porque não sobrou terra nenhuma. São refugiados de um tipo particular de "desenvolvimento" econômico. Uma porção cada vez maior da terra pertence a corporações enormes e poderosas: minas, plantações, firmas que se apropriam da água, como a Coca-Cola e a Nestlé. O crescimento acelerado das favelas e periferias não é acidente. Todo ano, milhões de pequenos agricultores são expulsos de suas terras, substituídos por uma mina, uma nova expansão urbana etc. O único lugar aonde podem ir são as favelas das grandes cidades.

Valor: *Um sistema baseado em extrativismo e expulsões foi o colonialismo. Muitas de suas descrições fazem pensar na lógica colonial. Como o modelo das expulsões se compara ao colonialismo?*

Saskia: Entramos em um modo diferente do colonialismo. É provavelmente melhor não usar esse termo para descrever o período atual. Eis algumas das principais diferenças. Este é um colonialismo puramente extrativista, ao contrário dos antigos impérios, que tinham projetos mais amplos, como a "missão civilizadora" da França, ou os britânicos, que formavam e educavam indianos para compor os estratos médios da burocracia imperial. Hoje, não há mais nada disso. Uma vez que se extraiu o que era desejado, seja a Coca-Cola extraindo água, ou as plantações, ou as minas, as corporações simplesmente vão embora. Esta época é governada por uma lógica extrativista, incluindo setores que nunca pensamos como extrativistas.

Valor: *A senhora crê que o Acordo de Paris e outras resoluções das conferências climáticas da ONU serão eficazes para evitar que mais terra e mais água morram?*

Saskia: Esse acordo e os outros anteriores nos deixam longe de resolver a destruição ambiental. Mas é uma grande vitória, porque produziu um consenso. Há muito mais pessoas falando em mudança climática e mais empresas tentando se tornar sustentáveis, até onde isso seja possível. Revoluções precisam de décadas para amadurecer, e esse é um primeiro passo. Ao mesmo tempo, biólogos, ecologistas e outros cientistas estão produzindo inovações que vão bem além do acordo. Gosto de me concentrar nessas inovações, em vez dos acordos gerais, mais tímidos, que têm impacto limitado.

Valor: *No livro, vemos que a fronteira entre quem permanece no sistema e quem é expulso está se fechando cada vez mais sobre os de dentro, a ponto de atingir as classes médias dos países ricos. Qual é o limite desse fechamento?*

Saskia: São fronteiras tão brutais que, nas sociedades ocidentais, só afetam os mais pobres ou discriminados, mesmo se hoje até os filhos da classe média estão sendo privados de direitos. Os números, especialmente nos EUA, deixam claro que setores crescentes das classes trabalhadoras acabaram em situação de pobreza e desespero, principalmente famílias negras. E o mesmo ocorreu a setores das classes médias. Os sistemas complexos da economia e da sociedade tornam muitos trabalhadores irrelevantes. Minha preocupação, ao identificar essa noção de limites sistêmicos dentro de economias nacionais, também é, em parte, criar uma contrapartida para a noção de que a globalização elimina fronteiras. Ora, ao mesmo tempo, estamos construindo barreiras dentro dos países.

Valor: *A senhora argumenta que os expulsos se tornam invisíveis, e que só enxergamos o lado positivo do desenvolvimento econômico. O mesmo vale para as partes do mundo em que o crescimento inclui populações no consumo de massas?*

Saskia: Sim. As fronteiras da expulsão dos sistemas (econômico, social, biosférico) são fundamentalmente diferentes das fronteiras geográficas dos Estados. O foco na fronteira vem de uma das principais hipóteses do livro: que a passagem da era keynesiana à era das privatizações e da desregulamentação conduziu à passagem de uma dinâmica que incluía para uma dinâmica que exclui. Ainda falta ver se essa passagem da incorporação à expulsão também está emergindo na China e na Índia, mas já há elementos. Na China, a incorporação de uma massa de pessoas na economia monetária injetou-as numa dinâmica em que são "pobres monetizados". A desigualdade também está explodindo na China, com novas formas de concentração econômica no topo. Sem falar no bullying corporativo.

Valor: *No lado mais brilhante da economia global, parece existir uma tendência à monumentalidade, tanto em eventos esportivos quanto em construções de cidades como Dubai e Hong Kong. Como essa monumentalidade se relaciona com o tema das expulsões?*

Saskia: Existe algo como 30% ou 40% da população que formam classes médias altas e elites com muito dinheiro. Devemos concentrar menos atenção no 1%, os mais ricos dos ricos, e olhar para essas pessoas que se tornaram bem mais ricas do que jamais puderam imaginar. São eles que tornam a concentração de riqueza visível. Reinventam grandes partes das cidades a partir de seus desejos. Expulsam as classes modestas que viveram naqueles bairros por gerações, porque "precisam" de mais espaço para mais mansões e shoppings de luxo.